

Janela Contemporânea

Faculdade de Arquitectura

História da Arte Contemporânea

2013/2014 - 1ºSemestre

1ºExercício - "O início de uma grande colecção de Arte"

Docente Maria João Pereira Neto

Mariana Mendes Cerejo

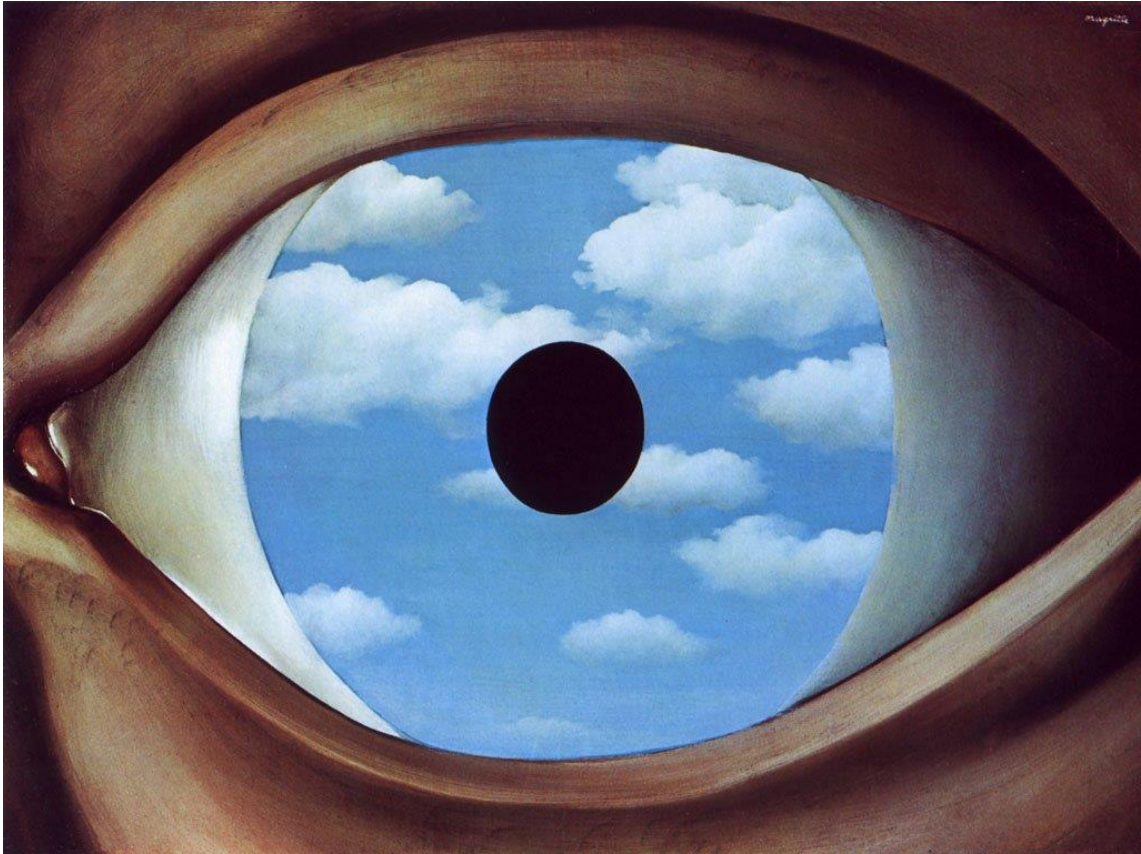
Introdução

A Arte contemporânea pode ser definida pela criação de uma nova abordagem em relação à Arte e ao artista. Por consequência rompeu-se com os estilos e regras anteriormente existentes, e abandonou-se a necessidade de representar na arte o mundo tal qual ele é. Nasceu um novo olhar, mais profundo, em relação ao mundo, à natureza e à existência humana. Novas ideias e necessidades surgiram, iluminando os artistas que se tornaram mais receptivos e criativos em relação à arte.

Ao analisar, nesta perspectiva, a Arte contemporânea, e após observar variadas obras produzidas nas diferentes expressões e correntes artísticas, relacionei um objecto - a janela - com o conceitos inerentes à Arte contemporânea.

A janela permite a entrada de luz e a circulação de ar, metaforicamente, a entrada de conhecimento, inspiração, criatividade e a renovação das ideias, perspectivas e mentalidades. Este objecto está simbolicamente associado à receptividade, à consciência, à possibilidade de mudança. Transmite-nos, dependendo da sua abordagem, ambições, sonhos e desejos, projectando-nos para o futuro, ou por outro lado sensações de saudade, nostalgia ou perda. É dito que as janelas são quadros para o mundo e também que os olhos são as janelas da alma, sendo assim um elemento que permite ver e ser visto, nas diferentes dimensões do significado de ver.

Assim, como resposta ao exercício proposto - seleccionar cinco obras para iniciar uma grande colecção de arte - escolhi cinco obras de cinco artistas diferentes que representam o espírito contemporâneo, e que têm em comum obras onde figuram janelas que apelam à contemporaneidade.



fonte : [http://uploads8.wikipaintings.org/images/rene-magritte/the-false-mirror-1928\(1\).jpg](http://uploads8.wikipaintings.org/images/rene-magritte/the-false-mirror-1928(1).jpg)

René Magritte
The false mirror, 1928
Oil on canvas
54 x 80.9 cm

René François Ghislain Magritte, artista Belga - 21 de Novembro de 1898 - 15 de Agosto de 1967

Mariana Mendes Cerejo

Nesta obra de Magritte, observamos um olho humano, com uma característica diferente do normal: À volta da íris, em vez de uma cor, está representado o céu.

O olho é geralmente conhecido como uma janela para a alma, no entanto este olho não parece exibir a alma do indivíduo, mas sim reflectir o que está por fora, neste caso o céu.

Mas haverá realmente uma separação entre o nosso interior e o exterior? Haveria interior se não houvesse exterior e vice versa? Não será o nosso interior apenas um reflexo daquilo que nos rodeia? E não será aquilo que nos rodeia apenas um reflexo daquilo que somos, daquilo que pensamos, vemos ou imaginamos? Será o exterior igual para todos? Ou varia com o interior de cada um? Ou será o inverso, o exterior é para todos o mesmo, e nós é que criamos o nosso interior a partir de uma interpretação pessoal do exterior? Esta obra. é a meu ver, uma reflexão sobre o que está por dentro, o que está por fora e o que os separa. Uma obra que lança um turbilhão de sucessivas questões, mas que me faz, a mim, sentir ao olhar para ela uma forte ligação ao mundo, como se a minha consciencia se fundisse numa consciencia universal.

Os olhos são uma janela para ver o mundo, mas também uma janela para dentro de nós. Mas não serei eu apenas uma reflexão do mundo ao qual adiciono todas as minhas experiencias e vivencias?

O céu azul com nuvens brancas transmite serenidade e simboliza algo que transcende o ser humano, algo eventualmente divino, mais alto. E talvez seja isso que simboliza este quadro, o exterior (o céu reflectido) é algo transcendente ao ser humano, é maior que o nosso interior individual, é o que nós somos e o que nos cria, é a morada da nossa consciencia.

Por outro lado este quadro pode também ser interpretado como um apelo á importância de ver, de olhar, de absorver o mundo com os olhos, de o processar e entender o seu significado.



Fonte :http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/2f/Adolph_von_Menzel_-_Interior_of_a_Room_with_Balcon_-_WGA15044.jpg

Adolph Menzel
The Balcony Room, 1845
Oil on board
58x47 Cm

Adolph Friedrich Erdmann von Menzel - Pintor Alemão - 8 de dezembro de 1815 a 9 de fevereiro de 1905

Mariana Mendes Cerejo

Neste quadro de Menzel, pintado em cores neutras, observamos uma ampla divisão de uma casa que aparenta ser espaçosa. Na divisão figura um grande espelho, duas cadeiras, uma janela com cortinas, um sofá e um tapete. No entanto há algo na disposição da mobília, que me transmite um sentimento de nostalgia.

No lado direito da sala estão duas cadeiras numa posição invulgar, posto que viradas de costas uma para a outra, e ambas posicionadas para o lado oposto do espelho. Através do espelho podemos ver um fragmento do resto da divisão: O sofá, e uma moldura por cima dele. Esta disposição faz-me pensar que os habitantes desta casa, tentavam evitar a sua imagem, não querendo enfrentar a realidade. Que realidade? A morte do amor? o envelhecimento? Muito provavelmente este. E agora que já só resta o mobiliário faz-me pensar que a morte já os levou ficando no espelho o reflexo da sua ausência.

É de notar que uma das cadeiras está virada para a janela, a qual está aberta e deixa o sol penetrar por entre as cortinas esvoaçantes, este elemento parece dar à sala em que reina alguma melancolia, uma nova esperança, um sentimento de renovação, de um novo começo. Talvez a libertação de uma vida que já custava a passar.



Fonte: <http://uploads6.wikipaintings.org/images/lucian-freud/the-painter-s-room-1944.jpg>

Lucian Freud
The Painter's Room, 1944
Oil on canvas
76.2x62.2 Cm

Lucian Michael Freud - Pintor Britânico nascido na Alemanha - Berlim, 8 de dezembro de 1922 - Londres, 20 de julho de 2011

Mariana Mendes Cerejo

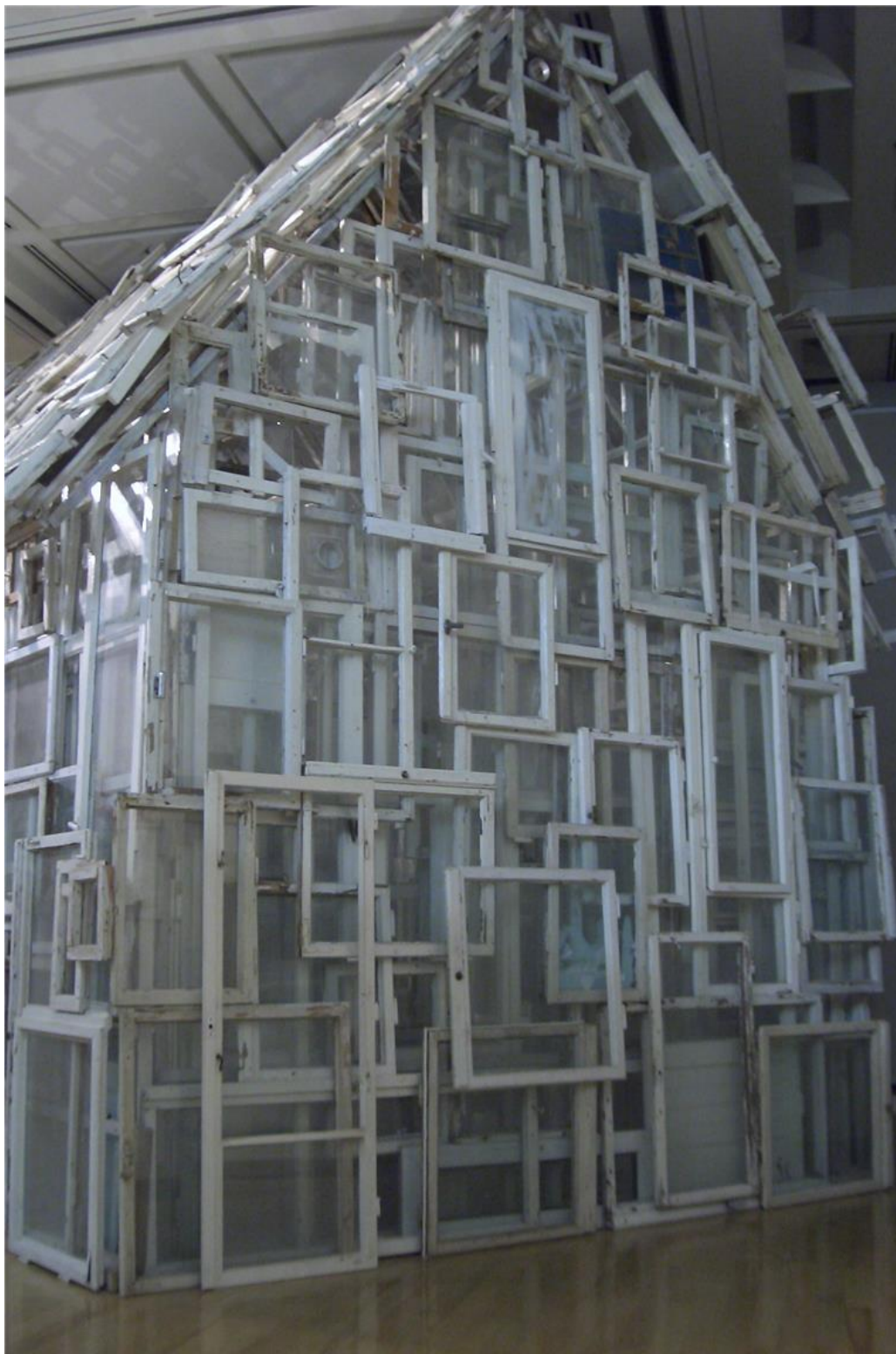
Esta obra de cores vivas e contrastantes intitulada "o quarto do pintor", remete-me para a consciência do artista que a realizou, para o seu "quarto" interior, como é comum nas obras de Lucian Freud que se debruçam geralmente nas profundezas da consciência humana. No entanto nesta obra criada no início da sua carreira, o assunto é abordado num estilo normalmente não associado à obra do pintor

Na divisão representada vemos uma janela, pela qual entra uma cabeça de uma zebra de grandes proporções. No chão uma cartola e um lenço de mágico, um sofá, uma palmeira por trás dele, e uma parede de fundo, que parece representar o céu.

Estes elementos transmitem-me que o artista se considera um ilusionista, ao mesmo tempo que a zebra representa a sua criatividade, os seus medos e sonhos e que o céu transmite algo transcendente à sua consciência, que ele não pode controlar, e que não tem limites.

Penso que neste quadro Freud, reflecte à cerca da arte e do trabalho do artista, questionando até que ponto as que obras de arte fabricam ou não um mundo de ilusão não necessariamente belo.

Esta questões, relacionadas com o sentido da Arte é o que mais me atrai neste campo, o facto de ao olharmos para um quadro podermos entrar num mundo em que nem tudo faz sentido, onde são mais as perguntas que as respostas, mas de onde podemos sair com uma nova perspectiva à cerca de nós e daquilo que nos rodeia.



Fonte: http://www.aaa.org.hk/image_online/201308/729b1218-c010-4aeb-bee3-7892bd37b048_l.jpg

Chiharu Shiota
House of Windows, 2005
Reclaimed wooden windows
500x450x300cm

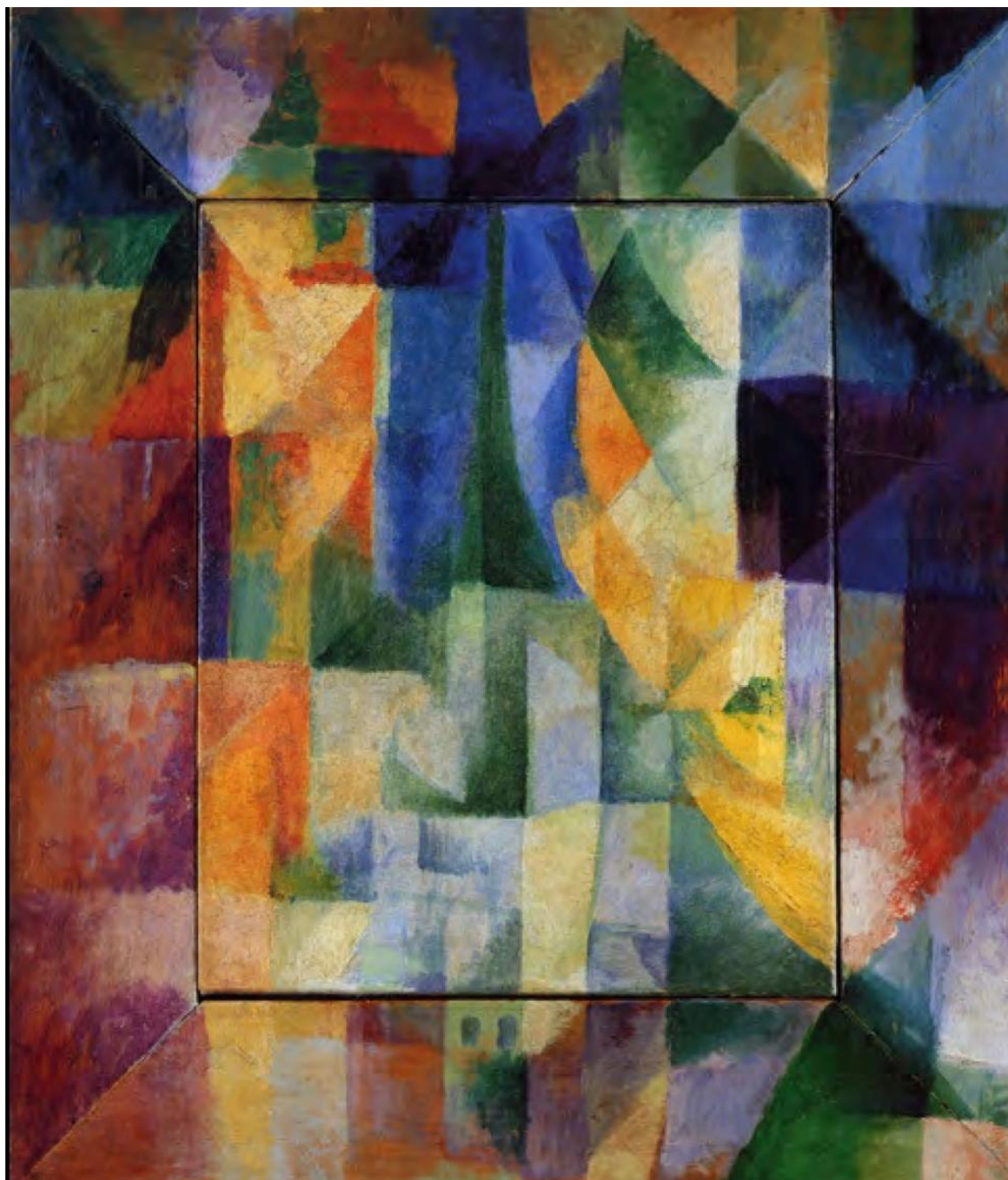
Chiharu Shiota - Artista Japonesa, actualmente a residir em Berlim - Nascida em 1972.

Mariana Mendes Cerejo

Esta instalação exibida na 3ª trienal de Arte de Fukuoka no Japão em 2005 com forma de casa feita a partir de 600 janelas retiradas de edifícios no lado Este de Berlim após a queda do comunismo. transmite-me várias ideias.

A sobreposição das janelas, que outrora foram as janelas da casa de alguém, representam a acumulação de sonhos, ambições e sentimentos de quem olhou a partir delas para o mundo, querendo vê-lo, partir para ele ou apenas evita-lo. De quem olhou a partir delas com um olhar de esperança e acreditou num futuro melhor. De quem olhou a partir delas e já em pouco acreditava. De quem a partir delas queria "voar" para um outro mundo onde teoricamente tudo seria melhor.

Numa perspectiva mais pessoal esta obra representa a época em que vivemos, em que mesmo não sendo as nossas casas inteiramente de vidro (embora algumas o sejam), estamos mais expostos que nunca aos olhares dos outros. A privacidade é algo quase inexistente nos nossos dias. As nossas informações, fotografias de recordações pessoais ou momento menos felizes correm o mundo sem vergonha nem filtros. Entramos no mundo dos outros, vemos o que fazem, o que sentem, o que dizem, onde foram e o que pensam. A partir das janelas da internet temos acesso à vida mais íntima dos outros, e eles à nossa. Ficando a questão: que vida é essa?



Fonte: <http://classconnection.s3.amazonaws.com/826/flashcards/997826/jpeg/00169j1351967833675.jpeg>

Robert Delaunay
Simultaneous windows on the city -1911-1912
Oil on canvas and wood
46x60 Cm

Robert Delaunay, Artista Francês - 12 de abril de 1885 a 25 de outubro de 1941

Mariana Mendes Cerejo

Nesta obra de Delaunay vemos a partir de uma janela aberta uma cidade moderna. Da cidade ergue-se a torre Eiffel, então símbolo da modernidade, e tema abordado por Delaunay em vários dos quadros realizados por ele na série de 23 quadros intitulada "Janelas"

A Torre Eiffel representa por si só a modernidade, a ultrapassagem dos preconceitos, a inovação e anuncia uma época de novas arquitecturas, artes e mentalidades.

A sua representação neste quadro é a meu ver um apelo á receptividade do novo. A janela está aberta e não tem cortinas, como que se o pintor quisesse mostrar este novo mundo de uma forma tão feroz que representa uns olhos sem pálpebras, para que não exista a possibilidade de não ver, para que se absorva tudo. Talvez por isso as cores pareçam no quadro mais intensas do lado de fora da janela, para focar a atenção do espectador naquilo que está de fora, para que este não se feche no seu interior preconceituoso e se abra ao que há de novo .

A janela representa aqui a meu ver, um desejo de interiorizar tudo o que está do lado de fora e de querer ir mais além, sonhar com o futuro, com o progresso, com o avanço. Simboliza a receptividade a uma nova época, em que os sonhos não têm travão, em que não há limite para a criatividade, em que se quer renovar tudo, desde as mentalidades às cidades.

Espaço Expositivo

Para expor as obras anteriormente apresentadas, que são apenas o início de uma colecção e dado que o exercício proposto sugere que não seja tido em conta nenhum tipo de orçamento, seria erguido em Lisboa um novo museu.

Escolhi exibir a colecção em Lisboa, porque penso que é uma cidade em que as opções não são muitas, e um novo espaço cultural contribuiria para a evolução das mentalidade dos habitantes da cidade em relação à Arte, que passa por vezes um pouco despercebida. Vivendo em Lisboa, sinto por vezes que a Arte não é explorada tanto quanto poderia ser, como o é por exemplo nas grandes cidades de outros países. Também a nível do Turismo, Lisboa é uma das cidades eleitas, e um novo museu de Arte contemporânea, apresentando nomes como Magritte ou Menzel, passaria a fazer parte do roteiro turístico de Lisboa.

Para a escolha do edifício, penso que a recuperação de um já existente na cidade, seria a opção que escolheria. Existem pela cidade belos edifícios ao abandono, que recuperados, respeitando a fachada original, mas alterando a sua configuração interior se poderiam tornar no espaço expositivo ideal.

De início o conceito do museu estaria ligeiramente enquadrado no conceito de "exposição blockbuster", conseguindo desta forma, numa primeira fase, chamar não só os amantes da Arte, mas todo o tipo de pessoas, que atraídas pelos nomes sonantes que constam da colecção, acabariam por visitar o museu, e quem sabe adquirir gosto pela arte, ganhando assim o museu um cariz de educação social.

Com o evoluir da colecção, artistas menos conhecidos teriam também o seu lugar no museu.

O interior do museu assentaria num conceito, muito explorado em galerias de arte contemporânea, onde o espaço se caracteriza por ser neutro, de paredes brancas, despojado e espaçoso. onde o mundo em redor não entra, permitindo assim ao público penetrar nas obras de arte, sem interferências. Um espaço de exposição onde não há janelas para o exterior, para que assim se possam contemplar as "janelas" que são as obras de arte, que nos transportam para outros universos e outros lugares, muito para além daqueles em que nos encontramos. A decoração seria praticamente inexistente, com a excepção de alguns bancos colocados perto das obras. Esta conceito de exposição gerou bastante polémica, e recebeu várias críticas, no entanto, e mais uma vez, segundo o meu gosto pessoal, é o escolhido para o espaço expositivo da minha colecção, pois penso que sendo as obras o único elemento do espaço, o público deixar-se-á envolver com elas, e só com elas durante a sua visita ao museu.



exemplo do espaço expositivo

Conclusão

Escolher cinco obras de arte contemporânea não é fácil devido á qualidade e quantidade de obras existentes. A cada página que se vira, uma nova obra nos prende o olhar e nos diz algo. No entanto, e após me focar num tema (que me ajudou a reduzir as opções) fui atraída por aquelas obras que me fazem reflectir e questionar.

Selecionei obras que de alguma maneira expõem a mentalidade artística ou social da época contemporânea, dentro dos estilos e artistas que mais apelam á minha sensibilidade.

Bibliografia

- BARKER, EMMA (1999) : Contemporary Cultures of Display - Yale University Press,
- CHAVALIER, Jean, GHEERBRANT, Alain (1982) : Dicionário dos Símbolos. Lisboa, Teorema
- CIRLOT, Juan Eduardo (2000) : Dicionário dos Símbolos. Lisboa, Publicações Dom Quixote,
- JANSON, H. W, (2005) : História da Arte Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian
- MASTER, Christopher (2011) : Windows in Art, London, Merrell